



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 7 – Nº 16 - Julho - Dezembro 2012
Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E O FANTÁSTICO MUNDO DA LITERATURA INFANTIL

Autoras:

ZANONI, Patrícia¹

COSTA, Gisele Maria Tonin da²

¹ Capacitada em Recursos Humanos para atuar com Deficiência Intelectual. Endereço: rua Orion Edler, 430. Bairro Champagnat, Getúlio Vargas. CEP: 99900-000, patizanoni@gmail.com

² Orientadora do Trabalho. Pedagoga, Especialista em Planejamento e Gestão da Educação, Mestre em Educação. Coordenadora e professora do Curso de Pedagogia da Faculdade IDEAU; Orientadora Pedagógica; professora de cursos de pós-graduação. Endereço: Jacob Gremmelmaier, 636, apto: 401, centro –Getúlio Vargas/RS Cep: 99900-000 gisele@centerletronica.com.br

A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E O FANTÁSTICO MUNDO DA LITERATURA INFANTIL

*"Não há barreiras que a mente humana não possa transpor"
(Hellen Keller)*

Resumo: A estimulação em crianças com deficiência intelectual é muito importante devido a sua abrangência nas áreas psicológica, cognitivo e social. A pessoa com deficiência intelectual tem, como qualquer outra, dificuldades e potencialidades. Seu tratamento consiste em reforçar e favorecer o desenvolvimento destas potencialidades, através da estimulação. Dentro da estimulação, contamos com a literatura infantil, pois a criança ouve, vê e lê histórias. Desde pequenas, contamos histórias para elas, onde podem sentir emoções como raiva, felicidade, medo, conhecer novos mundos e outros tempos. A criança deve interagir na aula, na sociedade como sujeito, sendo deficiente ou não.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual, Estimulação, Literatura Infantil.

Abstract: Stimulation in children with intellectual disabilities is very important because of its coverage in psychological, cognitive and social areas. A person with intellectual disabilities has, like any other person, potentials and difficulties. His/her treatment consists on enhancing and facilitating the development of these potentials through the process of stimulation. Within the stimulation, we have children's literature, since the child hears, sees and reads stories. Since they are small, we tell stories to them, in which they can feel emotions such as anger, happiness, fear, discovering new worlds and different times. The child must interact in the classroom, in society as a subject, being deficient or not.

Key words: Intellectual Disability, stimulation, Children's Literature

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A criança com deficiência intelectual apresenta um grande índice de afetividade, mas com seu desenvolvimento cognitivo atrasado, devido a fatores pré (durante a gravidez), peri (durante o parto) e pós natais (após o parto), podendo ser genético ou não, e diagnosticado por uma equipe multiprofissional, composta pelo menos por um assistente social, um médico e um psicólogo.

A estimulação precoce deve ser iniciada a partir do diagnóstico confirmado de atraso no desenvolvimento. A carência dessa estimulação aumenta as dificuldades no desenvolvimento psicomotor, sócio-afetivo, cognitivo e da linguagem. A estimulação precoce

deve ter a finalidade de a criança conseguir gerar sua personalidade, tanto na família quanto na sociedade.

Hoje, pode-se contar com a estimulação precoce através da Literatura Infantil. O primeiro contato com as histórias é por meio de escuta, pois quem conta as histórias, são os adultos, principalmente os pais. Ouvir histórias, segundo Fanny, “é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (1997, p.16).

As histórias são importantes já que com elas as crianças descobrem o mundo de sentimentos, como alegria, tristeza, saudade além de descobrirem sob o seu mundo em que vivem, suas realidades e desafios.

Nessa perspectiva, o papel dos educadores torna-se essencial, pois devem ter conhecimento de quais histórias os alunos mais gostam, estimulando através delas a aprendizagem, a leitura e escrita.

2 O QUE É DEFICIÊNCIA INTELECTUAL?

Deficiência Intelectual, segundo a Associação Americana de Deficiência Mental, trata-se de um funcionamento intelectual inferior à média (QI), associado às limitações adaptativas em pelo menos duas áreas de habilidades (saúde, segurança, comunicação, aprendizagem) com início antes dos 18 anos de idade.

CLASSIFICAÇÃO DA OMS (Organização Mundial da Saúde)			
Coefficiente Intelectual	Denominação	Nível Cognitivo segundo Piaget	Idade Mental correspondente
Menor de 20	Profundo	Período Sensório-motor	0-2 anos
Entre 20 e 35	Agudo grave	Período sensório-motriz	0-2 anos
Entre 36 e 51	Moderado	Período pré-operativo	2-7 anos
Entre 52 e 67	Leve	Período das Operações Concretas	7-12 anos

Essa medida do coeficiente de inteligência (QI) foi utilizada por muitos anos, para definir os casos, sendo que, se a criança apresentar uma função intelectual abaixo da média (85), juntamente com limitações em duas ou mais habilidades, significa um atraso cognitivo chamado de deficiência intelectual.

O termo deficiência intelectual é usado recentemente, pois veio de deficiência mental muito confundido com doença mental. O deficiente mental pode tomar decisões sobre o seu jeito de viver e o doente mental, tem sua percepção comprometida, podendo tornar-se perigoso para todos, inclusive à sociedade. Assim, em 2004 foi consagrado o documento “Declaração de Montreal sobre Deficiência Intelectual”.

A deficiência intelectual pode ser causada por fatores, pré (durante a gravidez), Peri (durante o parto), e pós natais (após o nascimento);

- FATORES PRÉ-NATAIS: desnutrição materna; má assistência à gestante; doenças como rubéola, toxoplasmose; consumo de drogas e álcool; além de fatores genéticos como alterações cromossômicas, genéticas, erros inatos do metabolismo.
- FATORES PERI-NATAIS: má assistência e traumas no parto; insuficiente oxigenação no cérebro; baixo peso e prematuridade.
- FATORES PÓS –NATAIS (do 30º dia de vida até o final da adolescência): desnutrição grave; infecções como sarampo, meningoencefalites; envenenamento por remédios, produtos químicos; acidentes de asfixia, afogamento, quedas;

De acordo com Fonseca,

Entra aqui em consideração o desenvolvimento de processos de identificação, rastreio e despistagem precoce de condições de deficiência, através de escalas de desenvolvimento, além da verificação e manutenção de determinadas condições: nutrição adequada antes, durante e depois da gestação, abolição de drogas, controle médico, supervisão e cuidados ao recém-nascido, etc. Todos estes aspectos implicam o acesso de todos os cidadãos aos cuidados da medicina, pois estão em jogo os seus potenciais humanos (1995, p.17).

Há uma grande dificuldade em definir essa deficiência trazendo, assim, certo medo de lidar com ela, de trabalhar com a diferença, além da discriminação sofrida principalmente pelas crianças com deficiência intelectual. As outras deficiências não são tão discriminadas, pois podem ser “domadas”, controladas, e as crianças conseguem portar-se diante da sociedade acontecendo à integração social.

Pessoas deficientes raramente são convidadas para festas e momentos de lazer, e dificilmente saem de casa em vias públicas, principalmente no que nascem, pois as famílias ficam desorientadas, assustadas, em luto. Segundo Mello, "... nenhuma família tem o mínimo preparo para receber um membro com qualquer tipo de deficiência. A entrada de um membro deficiente na família constitui-se em uma situação traumática e desestabilizante, tendendo a mudar radicalmente o curso da vida e a organização desta família" (1997, p.14).

Entra então o papel da escola, onde os colegas irão brincar com os seus filhos deficientes, onde querem que ocorra a inclusão, onde imaginam que seus filhos serão bem recebidos, onde poderão interagir.

A família é muito importante, pois é onde receberão o carinho, a feto de pai e mãe, mas a escola é uma segunda família, onde, se forem excluídos e discriminados, levarão consigo para toda a vida. Por isso é importante a conscientização da escola em atender bem esse aluno, ensinar-lhe da melhor forma possível, conversar com os pais e fazer os encaminhamentos necessários para que progrida e de o melhor de si.

Conforme Mello, "O primeiro passo para a integração social passa pela escola, já que o papel dela não é apenas o de ensinar cadeiras acadêmicas como português e matemática, mas também o de participar decisivamente no estabelecimento dos padrões de convivência social" (1997, p.14).

As crianças com deficiência intelectual devem ser incluídas no ambiente escolar, de acordo com a LDB 9394/96 que concebe a educação especial como modalidade de educação, "Art. 58: Entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades educacionais especiais".

Segundo Mantoan,

O estudo da atividade cognitiva dos deficientes mentais aponta-nos a inclusão escolar dessas pessoas, no ensino regular, como uma condição que poderá contribuir significativamente para estimulá-las a se comportarem ativamente diante dos desafios do meio, abandonando, na medida do possível, os estereótipos, os condicionamentos, a dependência que lhe são típicas (1997, p. 119).

O professor deve trabalhar com alunos "normais" e com deficiências, oportunizando educação e aprendizagem para ambos, tendo que tornar flexível seu planejamento escolar para que haja a interação e a inclusão. A rotina e o planejamento criam ambientes acolhedores e agradáveis, ajudando na sua aprendizagem pelo convívio e troca de experiências com os colegas, além de receber afeição, carinho, paciência e amor.

É necessário, após o diagnóstico, a adaptação curricular, pois, na maioria dos casos, a criança não consegue acompanhar igualmente a turma. Se não houver adaptação no currículo, entende-se que a criança não aprendeu o conteúdo e acaba reprovando. Mas se ela tem deficiência intelectual, sendo leve ou grave, ela dá o seu máximo, sendo assim, no próximo ano ela verá todo conteúdo novamente, e dificilmente aprenderá, continuando há repetir o ano. Quando se dão por conta, a criança com deficiência intelectual está no 2º ano com 15 anos, freqüentando a turma com alunos de 8 anos.

Com certeza esta criança ficará desmotivada, com vergonha de interagir, tímida diante os menores, pois já é um adolescente e precisa conviver junto com os adolescentes, com os da sua idade para que ocorra a inclusão social.

Também o que não se pode fazer é “rotular” todos os alunos com dificuldades educacionais considerando-os deficientes intelectuais encaminhando-os também para atendimentos especializados.

Nos dias atuais ouve-se que se o aluno não aprendeu determinado conteúdo, é “burro”, é deficiente. Se não age com o comportamento exigido é hiperativo. As crianças estão sendo rotuladas por qualquer ato.

Os professores devem ter formação contínua e permanente para trabalhar com essas crianças com deficiência intelectual. Mantoan afirma que, “a inclusão é, pois, um motivo para que a escola se modernize e os professores aperfeiçoem suas práticas”. Dois perfis de professores são necessários: o professor especializado em educação especial e o professor de classe comum capacitado, para que haja ensino na diversidade e a efetivação da inclusão.

Quando o professor for trabalhar com as crianças deficientes deve pensar na satisfação, na inclusão, no bem-estar, no direito de todos, e principalmente, no aprendizado dessas crianças.

Não se deve ter medo da mudança, do novo, do desconhecido e nem pensar que isso pode dar errado, isso pode ser um fracasso. Segundo Mader, “... a opção de deixar tudo com está é mais cômodo, mais fácil” (1997, p.47).

As crianças com deficiência intelectual apresentam uma área mais desenvolvida, podendo ser em artes, música, raciocínio ou muitas outras, devendo ser estimulada desde pequenos. Todo pessoa, deficiente ou “normal”, tem uma área mais desenvolvida, tornando-a preferida e mais estimulada. Sendo assim, a estimulação é de grande importância para quebrar “tabus” e dizeres de muitos, que consideram o deficiente intelectual um “bobinho”, que não sabe fazer nada.

Portanto, todas as crianças deficientes intelectuais têm condições de aprendizado, não devendo ser confundido a deficiência como falta de capacidade de aprender. Sasaki afirma que, “o conceito de incapacidade denota um estado negativo de funcionamento da pessoa, resultante do ambiente humano e físico inadequado ou inacessível, e não um tipo de condição” (2005, p.1).

3 A IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO PRECOCE EM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

A estimulação precoce é muito importante, pois, objetiva desenvolver o cérebro, para que a criança possa dar o seu máximo, favorecendo o intelectual das crianças, além do afetivo e físico também. Essa estimulação pode ser feita através de jogos, brincadeira, músicas e também através de histórias da literatura infantil, onde a criança pode imaginar, sonhar e vivenciar o conteúdo, o imaginário de uma história.

Segundo Brandão,

O trabalho de estimulação precoce tem como princípio básico, o acompanhamento clínico-terapêutico de crianças e bebês de alto risco e com patologia orgânica, na direção de propiciar, na intervenção junto a estes e sua família, que os fatores estruturais (maturação, estruturação psíquica e cognitiva) e instrumentais (linguagem e comunicação, brincar, aprendizagem, psicomotricidade, início da autonomia e socialização), possam-se articular de forma que a criança consiga o melhor desenvolvimento possível (1990, p. 95).

Quando a estimulação é feita logo nos primeiros meses do bebê, reduzem as possibilidades dos problemas expandirem, diminuindo os danos causados na evolução das crianças, que podem ser de fatores ambientais e orgânicos, físicos ou psicológicos. A falta de estimulação enfraquece a evolução infantil, distanciando essas crianças dos padrões do desenvolvimento da linguagem, do cognitivo, do sócio-afetivo e do psicomotor.

O estímulo adapta a disposição do cérebro à sua capacidade de aprendizagem, sendo um meio de direção do potencial e das capacidades das crianças. Quando a criança é estimulada, conseguem-se várias formas de experiências, onde a criança pode sonhar, imaginar, entendendo mundo ao seu redor.

De acordo com Fonseca,

A identificação precoce deve ser periódica e planificada, adotando a observação nas idades críticas. Um ano e meio, dois anos, para a motricidade e início da linguagem, quatro, quatro anos e meio, para o domínio sintático e as aquisições psicomotoras elementares (1995, p.24).

A estimulação é de extrema importância, pois, atua na área cognitiva e psicomotora. Deve-se sempre aguardar a evolução de cada criança, respeitando sua maneira e seu ritmo de aprendizado para que haja processo nas suas potencialidades.

Através de cada resposta que a criança dá, é que se pode verificar a sua evolução, modificando e/ou ampliando as estratégias planejadas para que o processo de aprendizado não pare de aumentar.

Para se desenvolver, a criança necessita incorporar e integrar as ferramentas de relação com os outros. A criança não aprende por si própria nem é a arquiteta exclusiva da sua evolução, ela aprende essencialmente dos outros, através de sua relação com eles. Ela é o produto de uma mediação (Feuerstein apud FONSECA, 1995, p.96).

Muitas crianças nascem sem apresentar nenhum problema em seu desenvolvimento, mas com o passar do tempo começam a aparecer às características sejam de comportamento, de personalidade ou físicas, que repercutirá por toda a sua vida, nos meios sociais, culturais e intelectuais.

A estimulação precoce é mantida, na maioria dos casos, por escolas como as APAEs. Muitos pais não levam seus filhos na estimulação por esse motivo, com a ideia de que seu filho é um “bobo” da APAE. Esse conceito deve ser excluído, pois a escola apresenta grandes profissionais que ajudarão na estimulação do deficiente intelectual, tanto no cognitivo, quanto no social e quanto mais cedo essas crianças forem estimuladas, mais respostas elas darão.

O envolvimento dos pais junto com a criança também é uma forma de estimulação, pois assim sentem-se seguras e apoiadas. Não se deve extrapolar nos cuidados e não deixar fazer o que quiser. Uma boa estimulação começa na família quando os pais saem do luto que viveu e entram na realidade de aceitar o seu filho, de aceitar a deficiência, tratar seu filho normalmente, dar limites como qualquer outra criança, é estimulação. Nos trabalhos de estimulação, os pais aprendem com diversos profissionais, como fonoaudiólogas, psicólogas, como estimular seu filho em casa, para que ele progrida e aprenda.

Segundo Mittler, “pais e mães são os primeiros, os principais e mais duradouros educadores de suas crianças. Quando os pais e profissionais trabalham juntos durante a infância, os resultados têm um impacto positivo no desenvolvimento da criança e na sua aprendizagem. Então, cada etapa do desenvolvimento deve buscar uma parceria efetiva com os pais” (2003, p. 210).

Com isso, afirma-se que em primeiro lugar deve acontecer a aceitação dessa criança deficiente, com muito carinho, afetividade, um espaço onde possa contar com variados meios de estímulos. Também a família deve interagir com a equipe de estimulação, com a equipe de

apoio, da escola ou de qualquer outro ambiente, sendo assim aspectos muito importantes para o desenvolvimento, o avanço infantil.

4 A LITERATURA INFANTIL COMO PROCESSO DE ESTIMULAÇÃO PARA DEFICIENTES INTELECTUAIS

Para a formação de qualquer cidadão, o contato com a leitura e escuta de histórias é muito importante. Para as crianças com deficiência intelectual se torna ainda mais importante, pois é o início de aprendizagem, que deve ser estimulada desde pequenos.

Segundo Fanny, “Escutá-las é o início da aprendizagem para seu um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (1997, p. 16).

Muitas vezes, o primeiro contato com os livros é através de leituras feitas pelos pais, irmãos, familiares. Não importa se o livro é de conto de fadas, é de poesia ou um simples gibi, o que importa é que a criança mantenha contato com os livros e com a leitura, sendo que com essa variedade poderá escolher a qual modalidade gosta mais.

Segundo Coelho, “A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola” (2000, p.15).

Através das histórias as crianças podem sonhar, imaginar, conhecer novos lugares, pode expressar sentimentos, seja num dia de sol ou num dia chuvoso, sozinhos ou com um monte de amiguinhos. O deficiente intelectual precisa desse contato com o mundo, com amigos, e essa é uma boa oportunidade para reuni-los, concretizando a inclusão social.

O professor também deve aproveitar desse recurso para a inclusão, para ensinar regras como fazer silêncio durante a leitura, respeitar o colega que todos olharão as imagens da história. Tem papel fundamental na apresentação das histórias, quando, muitos alunos, chegam à escola sem conhecer um livro, sem contato com o lúdico. Ainda mais importante, o professor deve apresentar os livros para as crianças com deficiência intelectual, pois, muitos pensam que, por serem deficientes, não mudará na ler ou escutar histórias.

As histórias estimulam a visão, a audição, a fala, além do cognitivo que as faz pensar, que as faz imaginar e as inclui no mundo em que sonham. É uma alienação entre afetividade, cognição e imaginação.

Através da literatura infantil, caminhamos juntos com o processo de leitura e escrita, mesmo com diferentes etapas de desenvolvimento destas crianças. O importante, muitas vezes, não é o alfabetizar, mas estimular e desenvolver as suas habilidades e potencialidades para introduzir a criança no mundo letrado.

O ouvir histórias é importante, pois, mesmo sem registro, o aluno vivencia a história, consegue apreciar e vivenciar o mundo da história, além de poder se expressar pelo corpo. Isso pode ser feito através de contação com fantoches, pequenos textos.

O falar é quando a criança interage na história, compreende o que está sendo dito e da o seu ponto de vista, é ele contando a história de sua maneira, seja em forma de teatro, ou um simples relato. Quando trabalhamos com deficiências devemos lembrar que um simples progresso é uma grande conquista.

Quando a criança lê histórias, aí sim move com seus sentimentos. A criança sente todas as emoções, vivencia o ódio, a raiva, a felicidade, tornando-se assim um ser com potencialidades. O registro é feito de várias formas, seja ela falada ou escrita.

Também é essencial apresentar para as crianças com deficiência intelectual, histórias sem texto, apenas com imagens, para que se esforce ainda mais e crie uma história de sua maneira. Assim, pode-se avaliar se a história tem sentido com o contexto do livro, as limitações de sua imaginação e seu raciocínio, sua capacidade de leitura. Segundo Fanny, “esses livros... são sobretudo experiências de olhar” (1997, p. 33)

Preste atenção em seu aluno, pois na maioria dos casos, a deficiência intelectual não é percebida na infância, e sim, descobrem quando as crianças começam a frequentar a escola, pois conforme falado antes, ela pode ser leve, moderada e mais grave. Torna-se difícil o reconhecimento da deficiência intelectual, se ela for leve, antes de as crianças frequentarem a escola, já que muitas vezes ela aparece no momento de aprendizado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de estimulação da criança com deficiência intelectual é muito importante e repercute grandes resultados se feito da maneira correta e prazerosa, e desde cedo.

Muitas vezes, a deficiência não é presente em casa, apenas quando forem para a escola é que aparece devido à necessidade de aprendizado. A criança pode ser esperta em afazeres

diários, pela rotina, em materiais concretos, afazeres que não exijam o pensar, como arrumar a cama, lavar as calçadas, mas no momento que precisa pensar como lavar roupa que exige a noção de quantidade de água, sabão, acaba se perdendo.

Os pais devem começar com a estimulação desde pequenos, junto com auxílio de profissionais e também com o afeto de contar histórias, ler livros, para que solte a imaginação. Introduza-o no mundo letrado, para que conviva com o aprendizado.

Pode-se constatar que a literatura infantil é sim, um grande estimulador, principalmente para crianças com deficiência intelectual. Não importando se for um texto, uma narrativa, um gibi ou um conto de fada, o que importa é a criança vivenciar esse acontecimento, sentir emoções, vivenciar esse mundo, essa história.

Nesse sentido, na escola, é importante que todos estejam envolvidos no processo de inclusão dessas crianças com deficiências intelectuais, acabando com o preconceito, e experimentando um pouco de novas experiências. Os professores devem cada vez mais, se aperfeiçoarem e trabalharem com crianças deficientes, para que haja a efetiva inclusão dessas crianças no âmbito escolar e na sociedade.

Participe com seus alunos de horas do conto, da semana do livro, inclua o deficiente intelectual na sociedade, convide-o a participar de encontros, de leituras. Faça-o sentir-se parte da sociedade, parte do mundo.

Transformar, na ação, é o ponto por onde todos devem começar. Não adianta falar de inclusão se você não inclui. Não adianta falar da importância da leitura, se você simplesmente dá os livros aos seus alunos, filhos, ou quem seja, como uma maneira de passar o tempo, ou para que ele se distraia, sem aprendizado. O importante é estimular o hábito a leitura, desde pequenos, quando os pais, professores e qualquer pessoa, sente com essa criança deficiente, tenha paciência e conte uma história. Faça com que a criança vivencie a história, construa o mundo que está sendo contado, imagine, sinta vontade de ler, sinta vontade de escrever, de aprender.

O mundo letrado é espetacular, cheio de novidades e acontecimentos. O mundo do deficiente intelectual é igual, cheio de novidades e acontecimentos. Talvez possa acontecer de na primeira vez ele não parar para escutar a história. Então, não desista, continue lendo todos os dias e mostrando o quanto isso é bom. O exemplo move as crianças “normais” e deficientes.

Interaja com a família, convide-os para passar dias diferentes na escola, junto com seus filhos para que haja a interação, a inclusão na sociedade. Faça seminários e conversas junto com os pais das crianças “normais”. O deficiente quer ser incluído, os pais querem que

ele seja incluído. Agora, isso parte de cada um, se você quer incluir ou não quer “se incomodar”, pois isso pode dar muito serviço.

O deficiente intelectual pode lhe dar muitas respostas, pois tem muitas potencialidades, mas cabe a cada um fazer o seu papel e ajudá-lo na conquista de habilidades, de seus esforços. Estimule-o e inclua-o no meio social, na sala de aula, na família, no mundo, tornando-o um ser, um sujeito livre e normal.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BRANDÃO, P.C. **A trajetória da estimulação precoce à psicopedagogia inicial**. Escrita da criança. Nº 3. Porto Alegre. Centro Lydia Coriat de Porto Alegre, 1990.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1ª Ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- FONSECA, Vitor da. **Educação Especial: Programa de estimulação precoce – uma introdução as ideias de Feuerstein**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- MADER, Gabriele. In apud: MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Editora Senac, 1997.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Editora Senac, 1997.
- MELLO, Ana Maria S. Ros de. In apud: MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Editora Senac, 1997.
- MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: Contextos Sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- SABATOVSKI, Emilio. FONTOURA, Iara P., MILEK, Emanuelle. **LDB Lei 9394/96: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Curitiba: Juruá, 2010.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **Atualizações semânticas na inclusão de pessoas: Deficiência mental ou intelectual? Doença ou transtorno mental**. Revista Nacional de Reabilitação. São Paulo: 2005.
- <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/deficiencia-mental.htm> em 08 de maio 2012.
- <http://deficienciavisualsp.blogspot.com.br/2009/04/blog-post.html> em 05 de maio 2012.